

COMENTÁRIO

BÍBLICO

DE

PROVÉRBIOS

A

CANTARES

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos, reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

Whatsapp Central de Ensinos Bíblicos com áudios, palestras e textos do Escriba de Cristo

Grupo de estudo no whatsapp

55 13 996220766 com o Escriba de Cristo

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

*M543 Escriba de Cristo, Central de Ensinos Bíblicos
1969 –*

Comentário Bíblico – Provérbios a Cantares

Itariri /SP, Livrorama

Bibliomundi, Amazon.com, 2021, 139 p. ; 21 cm

ISBN 9798777759955

Edição 1°

1. Teologia
2. Bíblia
3. Provérbios
4. Interpretação bíblica
5. Comentário bíblico
6. Cantares
7. Eclesiastes

CDD 220

CDU 22

INTRODUÇÃO

Este livro trata dos meus comentários simplórios sobre alguns versículos dos livros poéticos de Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão, pelo menos de cada capítulo eu destaquei um ou mais versículos para meditar. São meditações do meu dia-a-dia que eu publicava diariamente em um grupo de estudo do whatsapp. Salvei estes comentários e publiquei neste livro. Tenho o compromisso comigo e com Deus de ler a dois capítulos da Bíblia todos os dias até a minha morte.

Entender a Bíblia não é algo fácil, demanda tempo, primeiro para lê-la toda e depois estudar assunto por assunto, palavras por palavras. Tem a questão cultural, lingüística e temporal que dificulta muito a compreensão total. Estes três livros são de leituras agradáveis, são versos de sabedoria, muito bem aplicáveis aos nossos dias, porque a Palavra de Deus permanece para sempre. Os três livros são considerados de autoria de Salomão, o rei sábio de Israel. Há conselhos fantásticos para várias ocasiões da vida. Quanto ao livro de Cantares de Salomão, este trata de um amor entre Salomão e sua amada, o texto é um diálogo entre os dois com declarações poéticas de amor um pelo outro. Sendo símbolo do amor entre Cristo e a Igreja e modelo que os casais devem seguir.

Provérbios esta entre os três livros bíblicos que mais me impactaram na minha vida: Apocalipse, Mateus e Provérbios. Eclesiastes é curto, mas segue a mesma linha de Provérbios.

LIVRO DE PROVÉRBIOS

INTRODUÇÃO

1. A Palavra e suas Definições

Essa palavra vem do latim, *proverbium*, formada por *pro*, «antes», e *verbum*, «Palavra». Seu sentido é algumas vezes expresso por algumas poucas palavras, precisas e coloridas. O latim, *pro*, pode ter o sentido de «de acordo com», ou «através de», e talvez essa seja a força desse prefixo, nessa palavra. No hebraico, o vocábulo correspondente é *mashal*, «ser semelhante», o que salienta o valor dos provérbios para a feitura de comparações e observações sutis e inteligentes.

2. A Natureza dos Provérbios

Um provérbio é uma declaração expressiva, incisiva e concisa, embora com o intuito de transmitir um pensamento novo ou importante. Pode ser uma declaração enigmática ou uma máxima, como se fosse uma minúscula parábola ou símile. Os seus sinônimos são aforismo, máxima, mote, preceito, símile. No Oriente, os provérbios usualmente incluem comparações, uma espécie de observações aguda e condenada. Um provérbio também pode ser uma «declaração enigmática», que requer meditação e análise para que possa ser definido ou compreendido. É o caso de Pro. 17:3, que diz: «O crisol prova a prata, e o forno o ouro; mas aos corações prova o Senhor». Pode-se comparar esse provérbio com um outro, que lhe é similar, em Mal. 3:3. O trecho de Pro. 1:17 é outro exemplo que requer

reflexão demorada: «Pois debalde se estende a rede à vista de qualquer ave».

3. Os Provérbios da Bíblia

Podemos encontrar os provérbios espalhados pela Bíblia inteira; mas o Livro de Provérbios é uma espécie de coletânea principal de provérbios, atribuídos a Salomão. Os trechos de I Sam. 10:11; 19:24; 24:13 também contêm declarações proverbiais. Outros exemplos são: Jer. 31:29 e Eze. 18:2. Jó, sendo um livro poético, naturalmente encerra muitos provérbios. A passagem de Jó 28:28 é bem conhecida que o temor do Senhor é a sabedoria, e o apartar-se do mal é o entendimento». Esse provérbio, em uma forma modificada, reaparece no livro de Provérbios (1:7), como uma espécie de provérbio principal, que determina o espírito do livro inteiro.

A presença de provérbios em Deu. 28:15 ss e vs. 37 mostra-nos que este uso é bastante antigo na cultura hebréia. Um povo desobediente é ameaçado de vir a tornar-se um provérbio.

A passagem de Sal. 69:10,11 serve-nos de exemplo da maneira como são apresentados os provérbios. Um indivíduo, humilhado e em estado aviltado, torna-se um provérbio para outras pessoas.

No Novo Testamento, há duas palavras gregas que são usadas e que podem ser traduzidas por «provérbio»: parabolé, como em Luc. 4:23; e paroimia, como em João 6:25,29 e II Ped. 2:22.

Figuras de linguagem, expressões vívidas ou declarações enigmáticas podem estar envolvidas nesses

vocábulo. Jesus empregou provérbios, em Seu ensino, como aquele de Luc. 4:23: «Médico, cura-te a ti mesmo». Esse provérbio pode ser confrontado com João 16:25,39. Ver também Mat. 6:21 e João 12:24. Paulo falou em amontoar brasas vivas sobre a cabeça de alguém (ver Rom. 12:20). E o trecho de I Cor. 15:33 contém um significativo provérbio, tomado por empréstimo do poeta grego Menandro: «As más conversas corrompem os bons costumes». Outros provérbios de Paulo acham-se em I Cor. 14:8: «Pois também se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha?»; e Tito 1:15: «Todas as cousas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é puro». E Tito 1:12 tem outro provérbio, citação do poeta grego Epimênides: «Cretenses, sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos». Também podemos citar I Tim. 6:10: «Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males», um provérbio universalmente conhecido.

Provavelmente também poderíamos catalogar como proverbial a declaração de Tia. 2:26; «Porque assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta». Outra dessas declarações é a de Tia. 1:22: «Tomai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos». Por sua vez, Pedro nos ofereceu um excelente provérbio, quando escreveu: «...o amor cobre multidão de pecados» (I Ped. 4:8). E a afirmação que se lê em II Ped. 2:22: «O cão voltou ao seu próprio vômito; e a porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal», é chamada de «adágio verdadeiro», por esse apóstolo. A primeira parte dessa afirmação vem de Pro. 26:11; mas não se conhece a fonte originária de segunda parte.

Certas declarações de Jesus, feitas como se fossem provérbios, expõem diante de nós a essência da esperança do evangelho: «... conhecereis e a verdade vos libertara, (João 8:32); e: «Se pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres» (João 8:36).

4. Os Provérbios Como Fenômeno Verbal e da Literatura Universal

Antes da escrita haver sido inventada, os provérbios circulavam sob forma verbal. A literatura de todos os povos revela que tal costume era universal. A literatura antiga dos sumérios, dos babilônios, dos egípcios, dos gregos e dos romanos contém provérbios, o que também pode ser dito acerca dos chineses, dos celtas, e de outros povos. Provérbios populares acabaram se tornando provérbios literários. As religiões também têm lançado mão dos provérbios. Os provérbios são especialmente úteis no ensino de princípios éticos, e para exprimir expressões de bom senso. São excelentes instrumentos didáticos.

No hebraico, *mashal*, “símile”, “comparação”, um substantivo que ocorre trinta e oito vezes nas páginas do Antigo Testamento, conforme se vê, por exemplo, em Núm. 21.27; Deu. 28.37; I Sam. 10.12; 24.13; I Reis 4.32; 9.7; II Crô. 7.20; Sal. 69.11; Pro. 1.1,6; 10.1; 25.1; Ecl. 12.9; Isa. 14.4; Jer. 24.9; Eze. 12.22,23; 14.8; 16.44; 18.2,3. Na Septuaginta, *paroimia* é palavra grega que significa “comparação”, com base em uma raiz verbal que tem o sentido de “ser semelhante”, “ser paralelo” (cf. Gên. 10.9; Pro. 10.26). No Novo Testamento, *parabolé*, palavra grega que significa “posto ao lado”, “comparação”,

“ilustração”, um vocábulo empregado cinqüenta vezes: Mat. 13.3,10,13,18,23,31,33,34; 13.35 (citando Sal. 78.2); 13.36,53; 15.15; 21.33,45; 22.1; 24.32; Mar. 3.23; 4.2,10,11,13,30,33,34; 7.17; 12.1,12; 13.28; Luc. 4.23; 5.36; 6.39; 8.4,9-11; 12.16,41; 13.6; 14.7; 14.3; 18.1,9; 19.11; 20.9,19; 21.29; Heb. 9.9; 11.19. O nome do livro, em hebraico, é misle selomoh, “provérbios de Salomão”.

O termo hebraico mashal teve seu sentido ampliado para cobrir também outras formas de discurso, como o oráculo de Balaão (Núm. 24.15), os cânticos de zombaria (Isa. 14.4; Hab. 2.6) e as alegorias, que são extensas comparações (Eze. 17.2; 20.49; 24.3). Alguns estudiosos pensam que esse vocábulo hebraico vem da raiz que significa “governai, porquanto mashal realmente “cria novas situações”, segundo disse um deles (Gemser, Spruche Salomos, pág. 7). Outra sugestão no tocante à origem da palavra é aquela que diz que esse termo vem do assírio, mishlu, “metade”, referindo-se ao fato de que um provérbio típico consiste em duas metades postas em paralelismo. Entretanto, o mais provável é mesmo que este vocábulo hebraico, em seu sentido mais restrito de “comparação”, por sinédoque, acabou sendo usado para indicar vários tipos de literatura de sabedoria, como aqueles que aparecem coletados no livro canônico de Provérbios.

Pano de Fundo

Sem importar se a autoria salomônica é aceita ou não, pode-se facilmente concordar que o pano de fundo do livro de Provérbios parece ter sido a corte real em Jerusalém. Embora a literatura de sabedoria, no antigo

Oriente Próximo, seja anterior ao livro de Provérbios, por mais de mil anos, aquela forma particular de instruções, endereçadas ao “meu filho”, parece-se mais com certas obras literárias egípcias, como As Instruções de Ptahotepe; As instruções de Mari-ka-Ré; As instruções de Amem-en-hete e /ís Instruções de Ani. O casamento de Salomão com a filha do Faraó pode ter conduzido esse grande rei israelita a interessar-se por esse tipo de instruções.

Características literárias individuais, como a mashel, o padrão X, X + 1 e os longos discursos encadeados encontram paralelos na literatura semítica anterior. Assim sendo, o livro de Provérbios deve ter atraído os leitores já familiarizados com aquela forma literária.

Muitos críticos modernos têm negado aos hebreus uma mente verdadeiramente filosófica, a qual caracterizaria mais os gregos. Assim, na opinião desses críticos, os israelitas prefeririam depender das diretas revelações dadas do Alto, em vez de ficarem a pensar à moda dos filósofos gregos, que criavam sistemas com base em conceitos. Essa crítica, porém, leva em conta somente uma das facetas da mente dos hebreus. Outra faceta dessa mesma mentalidade mostra-nos que o povo israelita, tal e qual qualquer outro, sabia confiar nos méritos de uma filosofia humana autêntica. A grande diferença, porém, é que os hebreus não apreciavam a filosofia especulativa, que fica a imaginar como os mundos e os seus problemas teriam sido criados; antes, eles preferiam olhar para uma orientação prática na vida. E isso faziam de maneira intuitiva e analógica, e não em

resultado de raciocínios dialéticos. Isto explica porque os hebreus davam a essa forma de pensamento o nome de “sabedoria”, porquanto, na busca pela solução diante dos problemas morais do homem, diante da vida, eles demonstravam muito mais amor pela sabedoria prática do que pelas especulações filosóficas.

Em vista disso, o livro de Provérbios, começando com máximas isoladas acerca dos elementos básicos da conduta humana, revela, de muitas maneiras sugestivas que o seu autor cada vez mais se aproximava, em suas apresentações, de uma postura filosófica. No mínimo pode-se afirmar que ele tinha uma filosofia em formação. Esse desdobramento pode ser visto até mesmo na maneira como o vocábulo hebraico mashal foi sendo cada vez mais usado com maior amplitude de significação, ao que já tivemos ocasião de referir-nos.

A mashal, em seus primeiros usos, era de natureza antitética, contrastando dois aspectos da verdade, de tal modo que o pensamento ali mesmo se completava, nada mais restando ao autor senão passar para algum outro assunto. Isso produzia o bom efeito de pôr em contraste os grandes antagonismos fundamentais da existência humana neste mundo: a retidão e a iniquidade; a obediência e o desregramento; a industriiosidade e a preguiça; a prudência e a presunção etc., o que analisava, mediante contrastes, a conduta do indivíduo e dos homens em sociedade. Entretanto, a partir do momento em que começam a prevalecer as mashalim ilustrativas e sinônimas, o estudioso toma consciência da maior penetração e ampliação do alcance do pensamento, porquanto começam a aparecer distinções mais sutis e descobertas mais remotas, e as analogias

que ali se vêem passam a exhibir uma relação menos direta entre causas e efeitos. E então, avançando ainda mais no livro de Provérbios, especialmente quando atinge a seção transcrita pelos “homens de Ezequias, rei de Judá” (caps. 25—29), o leitor pode notar que cada vez mais se usa do artifício literário dos paradoxos e dos dilemas. Além disso, a mashal amplia-se, ultrapassando a mera comparação entre dois contrastes. Tudo isto, apesar de não ser ainda uma filosofia autoconsciente, chega a ser um passo decisivo nessa direção.

Um pressuposto básico do escritor do livro de Provérbios é que a sabedoria e a retidão são idênticas, e a iniquidade mesmo é uma espécie de insensatez. Isso é um ponto tão pronunciado no livro que chega mesmo a ser axiomático, emprestando ao volume o seu colorido todo especial. Isso transparece logo no primeiro provérbio, após as considerações iniciais sobre o filho sábio. Lemos ali: “Os tesouros dá impiedade de nada aproveitam; mas a justiça livra da morte” (Pro. 10.2). Com base nesse pressuposto básico, vêm à tona outros princípios não menos axiomáticos: a fonte de uma vida caracterizada pela sabedoria é o temor a Yahweh; quem quiser ser sábio precisa ter uma mente disposta a aprender a instrução, e a atitude contrária é própria da perversidade; sábio é aquele que não se deixa impressionar pelas vantagens passageiras obtidas pelos ímpios, ao passo que o insensato não percebe as vantagens da verdadeira sabedoria, o temor ao Senhor. Esses princípios são constantemente reiterados no livro de Provérbios, não de forma sistemática, mas iluminando numerosos aspectos e aplicações às questões práticas da vida. O princípio que mostra que as más obras trazem em

si mesmas as sementes da destruição, ao passo que o bem arrasta após si as bênçãos divinas, é um dos conceitos fundamentais do qual emergiu toda a filosofia de sabedoria dos hebreus.

De fato, essa capacidade de mostrar sagacidade nos pensamentos e nos conselhos, reduzindo-os a máximas ou parábolas, foi sempre tão admirada entre os israelitas que, desde antes de Salomão, os seus possuidores tornavam-se líderes naturais, bem reputados na comunidade de Israel. Cf. II Sam. 14.2 e 20.16. E quem demonstrou maior habilidade, quanto a isso, do que o próprio Salomão? Não somente casos difíceis lhe eram trazidos para solução (ver I Reis 3.16-28), como também lhe eram apresentadas questões complicadas, para que ele fornecesse resposta (ver I Reis 10.1,6,7). Portanto, foi com base no reconhecimento de que há homens dotados de tremenda sagacidade mental, capazes de aplicar esta habilidade às questões práticas da vida, que surgiu a literatura de sabedoria, incluindo o livro de Provérbios. [1]

Unidade do Livro

Visto que o próprio livro declara que se trata de uma coletânea, a sua unidade não depende de sua autoria. Antes, essa unidade encontra-se na natureza geral do seu conteúdo, os provérbios, declarações sucintas ou um pouco mais longas que exibem profunda sabedoria prática, aplicável à conduta diária dos homens. A obra pertence à categoria geral da literatura de sabedoria, exaltando as virtudes da sabedoria (sob a forma de retidão) e condenando os vícios da insensatez (sob a forma de falta de temor a Deus).

III. Autoria

Tradicionalmente, o volume maior do livro de Provérbios tem sido atribuído a Salomão, filho de Davi e rei de Israel (cf. Pro. 1.1; 10.1; 25.1). Entretanto, o próprio livro de Provérbios menciona dois outros autores, a saber: Agur (30.1) e Lemuel (31.1). Quanto a esta questão, existem duas posições extremadas, a saber: 1. Salomão escreveu o livro inteiro de Provérbios; ou 2. ele não teve nenhuma conexão direta com a obra (excetuando que ele é o “autor tradicional” e patrono da literatura de sabedoria). Um terceiro ponto de vista, que ocupa posição intermediária e está mais em consonância com o próprio testemunho bíblico, é aquele que diz que Salomão foi o autor da maior parte do volume do livro de Provérbios, à qual foram acrescentadas as obras de outros autores. Assim, é apenas uma meia verdade aquela que diz que o livro de Provérbios não teve “pai”, segundo afirmam alguns estudiosos. Pois, apesar de as declarações de sabedoria geralmente se originarem entre pessoas do povo comum, alguém foi o primeiro indivíduo a fazer essas declarações em uma linguagem epigramática. Essa idéia é confirmada por nada menos de três vezes no volume do livro. Vejamos: “Provérbios de Salomão filho de Davi, o rei de Israel, (1.1); “Provérbios de Salomão... “ (10.1; que em nossa versão portuguesa aparece como título, o que é um erro, pois faz parte do texto sagrado); e também “São também estes provérbios de Salomão, os quais transcreveram os homens de Ezequias, rei de Judá” (25.1). Por que duvidar do próprio testemunho bíblico? Todavia, essa última passagem citada indica que Salomão não reunira todos os seus provérbios, formando

um único volume. Antes, ele deixara muitos de seus provérbios dispersos, que os copistas de Ezequias coligiram. Se juntarmos a isso as palavras de Agur e de Lemuel, teremos o que é hoje o nosso livro de Provérbios.

Uma tola objeção à autoria salomônica é aquela que assevera que Salomão não era praticante das virtudes inculcadas no livro de Provérbios; cf., por exemplo, Pro. 7.6-23, que alguns pensam não refletir a vida de Salomão, porque ele teria tido um imenso número de mulheres e concubinas (ver I Reis 11.3, que diz: “Tinha (Salomão) setecentas mulheres, princesas, e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o coração”). Tal objeção, entretanto, olvida-se de que uma coisa é escrever obras de sabedoria, e outra, inteiramente diferente; é viver de maneira sábia. Um homem pode trair os seus próprios princípios!

A narrativa sobre a vida de Salomão em I Reis caps. 3, 4 e 10 (ver, especialmente, I Reis 4.30-34 e II Crô. 9.1-24) dá a entender a sabedoria e a versatilidade inigualáveis de Salomão, na composição de afirmações de sabedoria.

Por igual modo, a afirmação de que os subtítulos (ver 1.1; 10.1 e 25.1) seriam meramente honoríficos, não correspondendo à realidade da autoria salomônica, não faz justiça a Salomão. Mesmo que os subtítulos em 1.1 e 10.1 mostrem que pessoas posteriores compilaram provérbios esparsos de Salomão, nem por isso se negaria realmente a autoria salomônica. Os compiladores não foram autores. Eles compilaram o que já existia, e o que já existia era saído da pena de Salomão. Além disso, o argumento que diz que as repetições, em duas seções diferentes do livro de Provérbios, ou mesmo em uma de

suas seções, elimina uma única autoria, esquece o fato de que os autores muitas vezes repetem o que dizem, e que os editores ou compiladores tinham por costume reter passagens duplicadas, conforme se vê, por exemplo, nos casos de Sal. 14.1 e 51.1.

A questão da autoria do trecho de Pro. 22.17-24.34 está vinculada ao problema da relação entre essa seção e a obra A Sabedoria de Amenemope, o que é ventilado mais adiante. Durante as discussões e controvérsias que houve entre os judeus do século I D.C., acerca do cânon do Antigo Testamento, o livro de Provérbios foi classificado, juntamente com os livros de Eclesiastes e de Cantares de Salomão, como “salomônico”, conforme se aprende em Shabbat 30b. O livro de Provérbios, conforme existe em nossos dias, deve ter tomado esta forma após os dias do rei Ezequias (ver Pro. 25.1), isto é, após 687 A. C. De fato, Fritsch (IB, quarto volume, pág. 775) pensa que a forma final pode ter sido alcançada somente por volta de 400 A.C. Outros asseveram que a coletânea final (incluindo as palavras de Agur e de Lemuel) deve ter sido feita em algum tempo entre os dias do rei Ezequias e o começo do período pós-exílico, o que daria, mais ou menos, o mesmo resultado.

Alguns estudiosos modernos, de tendências liberais, observam que devem ser levadas em conta as “palavras dos sábios” referidas em Pro. 22.17 e 24.23. Para eles, isso representa mais alguns autores, embora anônimos. Entretanto, não é absolutamente necessário aceitarmos esta opinião. Salomão poderia estar meramente referindo-se a afirmações que antigos sábios haviam feito, mais ou menos de conhecimento geral em sua geração, às quais, agora, ele emprestava uma forma

epigramática. É muito melhor ficarmos com a idéia da autoria salomônica, claramente declarada no próprio livro de Provérbios por três vezes, conforme já tivemos ocasião de verificar, do que imaginar uma multiplicidade de autores, segundo o sabor da alta crítica, que sempre quer exhibir erudição multiplicando autores e atribuindo aos livros da Bíblia uma data posterior à qual eles realmente pertencem.

IV. Data

Duas questões diferentes estão envolvidas no problema da data do livro de Provérbios, a saber: a data em que cada seção do livro foi escrita; e, então, a data em que foi feita a “coletânea” ou “editoração” das várias seções, a fim de formar um único volume (rolo), naquilo que hoje conhecemos como o livro de Provérbios. Os eruditos conservadores seguem o ponto de vista tradicional da autoria salomônica do livro inteiro, excetuando os capítulos 30 (de Agur) e 31 (de Lemuel). Isto posto, eles datam o volume maior do livro como pertencente ao século X A.C., provavelmente dos últimos anos do reinado de Salomão. A coletânea das várias seções, por sua vez, é datada variegadamente, pelos mesmos estudiosos conservadores, entre 700 A.C. e 400 A.C.

A paz e a prosperidade que caracterizaram o período de governo de Salomão ajustam-se bem ao desenvolvimento de uma sabedoria reflexiva e à produção de obras literárias desta natureza. Outrossim, vários especialistas observam que as trinta declarações dos sábios, em 22.17—24.22, contêm similaridades com as

trinta seções da “Sabedoria de Amenemope”, produzidas no Egito, e que eram mais ou menos contemporâneas à época de Salomão. Por semelhante modo, a personificação da sabedoria, tão proeminente nos caps. 1--9 (ver 1.20; 3.15-18; 8.1-36), pode ser comparada com a personificação de idéias abstratas em escritos em egípcios e mesopotâmicos pertencentes ao segundo milênio A.C.

O papel desempenhado pelos “homens de Ezequias” (ver 25.1) indica que importantes seções do livro de Provérbios foram compiladas e editadas entre 715 e 687 A.C., um período de renovação espiritual encabeçada por aquele monarca judeu. Ezequias demonstrou grande interesse pelos escritos de Davi e de Asafe (II Crô. 29.30). Talvez também tivesse sido nesse tempo que foram adicionadas às coleções de provérbios de Salomão as palavras de Agur (cap. 30); de Lemuel (cap. 31); bem como as palavras dos sábios (22.17-24.22; 24.23-34), embora seja perfeitamente possível que o trabalho de compilação se tenha completado após o reinado de Ezequias, conforme também já demos a entender anteriormente.

Os eruditos críticos, por sua vez, rejeitam a autoria salomônica, pelo que datam cada seção do livro de Provérbios separadamente, em geral em datas muito posteriores à data tradicional da escrita e compilação do livro. Isso, por sua vez, leva-os a datar a coletânea inteira no fim do período persa, ou mesmo do período grego. Porém, descobertas arqueológicas e filológicas recentes têm feito alguns desses eruditos abandonarem uma data extremamente posterior, o que andava tão em voga na primeira metade do século XX. Entre essas descobertas

poderíamos citar o achado de declarações de sabedoria dos cananeus, bem como certos padrões lingüísticos cananeus na literatura de Ugarite.

O que é indiscutível é que o livro de Provérbios pode ser dividido em certas seções, conforme se vê abaixo:

A. Seção I. Esta seção tem sido datada como passagem relativamente posterior, porquanto supõe-se que foi escrita como uma espécie de introdução para o volume inteiro. Há quem pense que essa primeira seção seja pós-exílica, enquanto outros dizem que a personificação da sabedoria (ver o oitavo capítulo) torna provável uma data dentro do século III A.C. Porém, um terceiro grupo de estudiosos tem demonstrado que essa personificação, ou melhor, hipostatisação, é uma das características das religiões mesopotâmica e egípcia. A fórmula numérica de $X, X + 1$, encontra-se em Pro. 6.16-19, ocorrendo também em textos ugaríticos (cf.. Gordon, Ugaritic Manual, págs. 34 e 201) do segundo milênio A.C. Albright (Wisdom in Israel and in the Ancient Near East) pensa que essa seção é anterior aos Provérbios de Aicar, isto é, o século VII A.C. Fritsch segue a tendência de dar uma data bem antiga à obra, ao afirmar que existem fortes influências ugaríticas e fenícias na primeira seção de Provérbios, e que os seus capítulos oitavo e nono compõem “uma das porções mais antigas do livro”.

Um exemplo dessa influência ugarítica, que damos aqui como ilustração, é o uso do termo lahima, “comer”, que só pode ser encontrado por seis vezes no Antigo Testamento, quatro delas no livro de Provérbios. Quando isso é combinado com a opinião de Scott (Anchor Bible, “Proverbs”, págs. 9,10), que disse que os capítulos